

Discurso tecnicista é unidirecional

Izabel Leão

Jornalista atuando como repórter do Jornal da USP. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Tutora do curso Mídias na Educação e formadora do Programa Nas Ondas do Rádio, da Secretaria Municipal de Educação. Pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP.

E-mail: mariaiza@usp.br

*Participaram da entrevista os professores
Adilson Citelli* e Roseli Fígaro**.*

Resumo: O professor e jornalista argentino Daniel Prieto comenta as relações do campo da comunicação e Educação na América Latina, quais os limites em torno da leitura crítica e o papel das novas tecnologias ante a profissão do educador.

Palavras-chave: Comunicação, educação, Educomunicação, novas tecnologias.

Abstract: The Argentine journalist and professor Daniel Prieto comments the relationship between the fields of Communication and Education in Latin America. He discusses the constraints around the critical reading and the role of new technologies for the profession of educator.

Keywords: Communication, education, Educamunication, new technologies.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: EM QUALQUER CONTEXTO, SEMPRE JUNTAS

Desde que começou a atuar como jornalista, em 1965, o professor de filosofia Daniel Prieto passou a se questionar a respeito das práticas do campo da comunicação. Ao mesmo tempo, sua forte vocação para a Educação o levou a fazer um paralelo entre as duas áreas. Após passar por diversas organizações ligadas a essa discussão (entre elas o Ciespal – Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para América Latina), sua experiência permite visualizar um cenário de muitos desafios e controvérsias para esses campos, ao mesmo tempo com grande potencial de desenvolvimento. Nas páginas a seguir, ele conta a *Comunicação & Educação* um pouco do que vivenciou e vivencia em seus mais de trinta anos de carreira.

C&E: Descreva-nos um breve percurso profissional e seu interesse pelo campo da comunicação.

Daniel Pietro: Fui professor de escola primária e, posteriormente, me formei Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade de Cuyo, na Argentina.

ENTREVISTA

Recebido: 10.11.2011

Aprovado: 17.01.2012

* Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista *Comunicação & Educação*, bem como pesquisador 1C do CNPQ. É autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: *Linguagem e persuasão* (Ática, 1994); *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento* (Senac, 2000); *Palavras, meios de comunicação e educação* (Cortez, 2006). E-mail: citelli@uol.com.br.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Possui pós-doutorado pela Universidade de Provence, França (2007);

Durante minhas férias letivas do 3º ano da faculdade, em 1965, quando já lecionava, entrevistei uma pessoa que trabalhava na Secretaria de Jornalismo de Mendonza, na Argentina – e ele me perguntou se eu não tinha vontade de ser jornalista. Recebi, então, um convite para ficar na redação e aprender o ofício. Tinha 21 anos na época e, até então, não tinha me passado pela cabeça fazer esse trabalho; mesmo assim, aceitei o convite e aqui estou. Quando comecei a trabalhar com jornalismo, passei também a me questionar sobre as práticas no campo da comunicação, e, como tenho uma forte vocação voltada ao campo da Educação, imediatamente fiz um paralelo entre as duas áreas. Nessa



Daniel Pietro.

relação entre a comunicação e a Educação, encontrei um âmbito que não abandonei mais. Tive grandes aprendizagens na área de interface entre esses campos em dois períodos importantes: quando trabalhei na Argentina, até 1975, e no México, de 1976 até 1982. Lá, tive a oportunidade de fazer parte da equipe do Instituto Latino-Americano de Comunicação Educativa (ILCE), onde fundei um curso de formação para professores em comunicação educativa e, mais adiante, do Ciespal – Centro Internacional de Estudos Superiores em Comunicação para América Latina, fundado pela Unesco na década de 1950. No Ciespal, trabalhei em tarefas ligadas ao planejamento e gestão da comunicação. Foi um período muito rico ligado à comunicação e Educação, envolvendo trabalhos com ONGs, comunicação rural e comunicação para a saúde, entre outras atividades. Voltei à Argentina em 1993 e, atualmente, tenho-me dedicado ao desenvolvimento de projetos com universitários e à educação não formal, com a intenção de pensar numa carreira de pós-graduação na Universidade, baseada nesta inter-relação.

C&E: Os estudos sobre comunicação e educação, na América Latina, existem há bastante tempo – cremos que, de maneira não muito sistemática, desde os anos 1930. No entanto, no final dos anos 1960, tais questões se tornaram mais agudas em função de acontecimentos que se desenvolveram, no Cone Sul, com as ditaduras. Qual o quadro político no qual se move a interface da comunicação e educação neste momento?

D.P.: Este é um fenômeno muito curioso, já que, efetivamente, entre as décadas de 1960 e 1970, todas as ações estiveram muito ligadas à mobilização social e à comunicação alternativa. No ano de 1978, publiquei o livro *Discurso*

doutorado (1999) e mestrado (1993) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; e graduação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero (1981). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho; pesquisadora do Núcleo de Pesquisa da USP Comunicação e Censura e do Grupo de Pesquisa do Arquivo Miroel Silveira. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Linguagem Verbal e Teorias da Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação e mundo do trabalho, gestão da comunicação e comunicação/educação. E-mail: figaro@uol.com.br.

autoritário e comunicação alternativa, procurando fazer uma análise dos discursos que, estruturalmente, eram autoritários – inclusive aqueles com propósitos progressistas, mas que se encontravam carregados de verbos impositivos: “deve-se”, “tem que” etc. Eram discursos que impunham certas utopias aos demais, o que é muito perigoso! Esses temas apareceram com muita força na Argentina com a Lei de Meios: o governo fez uma convocatória em todo o país para discutir a presença mediática, ocasião em que apareceram muitos elementos dos anos 1960 e 1970. Houve propostas de análise mediática usando técnicas da leitura crítica da mensagem, enquanto muitos espaços comunitários foram chamados para trabalhar com o educativo – entre eles o Ciespal. Nosso amigo Guillermo Orozco Gomez nos disse que, no México, houve também grande presença da inter-relação entre comunicação e educação. Foi assim, também, na Colômbia. Porém, com base no meu trabalho em projetos ligados a comunicação, educação e desenvolvimento, comunicação e tecnologia para as mudanças sociais, percebo que esse assunto é complexo e diferente, dependendo do contexto de cada país. Na verdade, acredito que não desaparecerá nunca. Lembro-me de que, no Equador, um personagem envolvido no golpe de Estado disse: “Terminou o tempo do despotismo”. Ao que um cidadão equatoriano disse: “Terminou o tempo do despotismo e começou o tempo da mesmice”. Foi uma provocação. Mas, claro, nas décadas de 1960 e 1970, tudo tinha outro contexto. Minha percepção é de que, na verdade, essa relação entre a educação e a comunicação existirá para sempre, pois sempre haverá tensão entre o novo e o estabelecido. O estabelecido faz parte de uma estrutura que não quer que haja mudanças – e, por outro lado, sempre há aqueles que querem a mudança. Desde a primeira revolução tecnológica, muitas coisas mudaram; mas a segunda revolução mudou o mundo e transpassou uma linha que não havíamos sonhado. Isto significa que, hoje, existem muitas alternativas – por exemplo, o Ministério da Educação argentino está trabalhando experiências educativas com celulares. Neste momento da história, existem muitos mais dispositivos do que antes, mas na realidade não é o aparato que importa, e sim a pedagogia que envolve o uso do aparato. O discurso tecnicista é um discurso unidirecional, estereotipado. Isso também parece que existirá para sempre.

C&E: Em certo momento, na sua fala, há uma preocupação com a leitura crítica, que não recebe hoje a mesma abordagem feita nas décadas de 1960-1970. Que limites há em torno deste conceito?

D.P.: No ano de 1969, orientados pela ideia da “conscientização”, trabalhávamos com professores das escolas de Mendonza na intenção de desconstruir os discursos dos contos, das fotonovelas, dos textos. No entanto, nos anos 1980, houve uma reação contra tudo isso, sobretudo pela ideia de que “todos sabem algo e todas as pessoas são muito mais inteligentes do que se pensa”. Então, de alguma maneira, começou a se pensar que as pessoas se orientam e desconstróem as mensagens espontaneamente, sem a necessidade de ferramentas. Não acreditávamos nisso. Pensávamos que havia ferramentas e que se podia utilizá-las. O problema surgiu quando essas ferramentas converteram-se em pequenas

fórmulas através das quais se acreditava poder ler qualquer material. Lembro-me de um caso muito ligado a essa ideia, como, por exemplo, as dinâmicas de grupos chamadas “lutas de classe”. Durante essas dinâmicas, criavam-se pequenos conceitos-chave sobre a ideia de “classe” e pensava-se que, com isso, as pessoas conseguiriam obter uma consciência de classe. Para nós esse tema é mais sério. O exercício da leitura crítica ante o poder, ante as manifestações autoritárias, não significa crer que se pode “iluminar” a consciência dos demais apenas com um discurso. Um diálogo que me marcou durante as minhas aulas de retórica, e que existe há mais de mil e quatrocentos anos, foi o de Platão e de Sócrates com outros personagens. Em dado momento, Sócrates faz uma pergunta a uma pessoa: “Então você acha que com um ‘discursinho’ vai mudar a vida de alguém?”. Esta foi uma questão que incorporei ao meu processo de formação. Temos todo o direito humano de ler criticamente a realidade.

C&E: Dando sequência à problematização da leitura crítica, podemos afirmar que se fala muito da desconstrução pela própria produção, ou seja, aprender ao fazer. O que você pensa sobre essa estratégia?

D.P.: Nós estamos absolutamente envolvidos nesta questão. No entanto, esta proposta também surgiu há muito tempo e, se a reduzirmos apenas à produção tecnológica, correremos o risco de reproduzir velhas formas em novos suportes, como ocorreu no caso do uso dos *power points* em sala de aula. Aliás, gostaria de fazer um “manifesto anti-*power point*”. A revolução analógica foi colonizada pela velha forma de transmissão de informações presente no método tradicional de ensino. Piaget já nos alertava, em 1965, sobre os riscos do “verbalismo da imagem”. Um livro muito interessante, que nos traz novas experiências no campo, escrito por Francisco Gutiérrez Perez, em 1968-1969, leva o título de *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. O que o autor levantou durante muitos anos, e que aparece nesta obra, é que os meios de comunicação deviam ser entregues aos estudantes, porque, quando estes jovens trabalham com os aparatos audiovisuais, acabam propondo novas coisas, discutindo ideias, criando imagens, escrevendo textos para si mesmos e para a comunidade – e, neste processo de produção, aprendem corrigindo uns aos outros ao mesmo tempo em que tomam consciência de seu papel social. Do mesmo modo afirmou Freinet, em 1940, a partir de suas experiências com o uso dos meios, que os jovens começam a melhorar sua maneira de ler e de escrever ao produzir coletivamente e ao expressar suas ideias com diferentes dispositivos. Parece-me que esta é uma corrente muito importante. Em nosso caso, eu e Francisco Gutiérrez Perez também apostamos na produção. Em 1987, estávamos muito ligados à comunicação e à educação universitária, pensando em novas propostas para a promoção e o acompanhamento da aprendizagem a partir de reflexões sobre as experiências vividas na Universidade Rafael Landívar, sob uma caracterização que chamamos de mediação pedagógica.

Naquela época, começamos a pensar que nossos colegas universitários, em geral, não escrevem no âmbito comunicacional -- quando muito, escrevem

monografias ou propostas que derivam de suas investigações. Não existe a preocupação genuína em comunicar-se. Então, trabalhamos com a produção de “textos paralelos” como um registro de aprendizagem, a cargo do próprio aprendiz. Propusemos aos colegas da universidade um exercício de reflexão e de escrita para cada prática realizada. Ao longo de quatro meses, havíamos produzidos cerca de 890 páginas com análises profundas sobre as práticas de cada docente. Assim, quando estes pesquisadores foram escrever suas obras intelectuais, já estavam preparados e capacitados à troca. Esta prática é realizada até hoje – na Argentina, por exemplo, a Universidade de Cuyo também implantou este método. Toma-se consciência produzindo, pois isto exige reflexão, mas não é apenas dessa forma que se alcança o olhar crítico. Há também outros caminhos para isso.

C&E: Há um texto de Mario Kaplún em que ele enuncia o termo *Educomunicação*. É de seu conhecimento se Kaplún de fato começou a trabalhar com este termo? Você se identifica com esta expressão?

D.P.: Nos momentos em que me encontrei com Mario, notei que ele não se autodenominava um “educador”, eu tampouco. Digo isso porque, na prática, não havíamos incorporado o conceito ao nosso cotidiano. Usávamos outros termos, como “comunicação para a educação” e “comunicação educativa”. Evidentemente, era possível notar a presença de uma filosofia em torno da palavra *Educomunicação*, mas não representava um movimento. No entanto, no final da década de 1970 – começo dos anos 1980 – a Unesco utilizou o termo e, com a ação e o esforço do grupo da ECA/NCE/USP e também de um grupo de pesquisadores da Espanha, houve um fortalecimento deste movimento. Na Argentina, pensamos a relação entre “identidade e diferenças” e, para nós, a *Educomunicação* une dois campos com certas especificidades. A *Educomunicação* passa por vários termos, como “pedagogia da comunicação” e “comunicação e educação alternativa”. Nesse sentido, acreditamos que trabalha com comunicação “e” educação. Podemos também pensar em como funciona a educação a partir da perspectiva da comunicação. Em 1991, Francisco Gutiérrez Perez e eu escrevemos um livro a esse respeito – *A mediação pedagógica: notas para uma educação a distância alternativa*, em que trabalhamos com o conceito de “instâncias de aprendizagem”. Nesta perspectiva, no espaço formal, o ser humano aprende em sua interação com o mundo por meio de seis instâncias: instituições, educadores, meios, contextos, grupos e consigo mesmo. Aproveita sua experiência para aprender. Essa estrutura nos permitiu vivenciar o encontro entre a comunicação e a educação, embora não o tenhamos chamado de *Educomunicação*, mas sim de *cultura mediática*.

C&E: Mas cultura mediática envolve uma abrangência muito maior. Pode-se trabalhar com cultura mediática e não necessariamente com a educação.

D.P.: E a palavra educação desaparece. Por isso estou insistindo na questão da experiência dentro do campo educativo.

C&E: Evidentemente, existe um problema de circulação do termo “educomunicação”. Porém, existe também um debate em que Huergo tem um papel importante. Como definir melhor esta interface? Existe uma questão com relação à comunicação “e” ou comunicação “para” – uma dificuldade real em conceituar o campo e criar uma nova categoria, já que existem as identidades e especificidades de cada campo. Nessa direção, por exemplo, é como se a comunicação fosse o substantivo e o “e” fosse o complemento, o adjetivo.

D.P.: Na verdade, creio que esta relação marca campos de análise e de trabalho, pois para compreender “comunicação e saúde” é preciso saber tanto de “comunicação” como de “saúde”, ou seja, é preciso saber um pouco dos dois campos. Para mim, isto marca linhas diferentes de trabalho, cuja articulação não é tão simples. Na verdade, nas décadas de 1960 e 1970, quando se começou a trabalhar esta temática, se faziam diagnósticos socioeconômicos e se elaboravam as chamadas “soluções comunicacionais”. Mas creio que este trabalho que vocês fazem em torno da Educomunicação é muito interessante. Escuto e considero muito positivo o que Ismar¹ fala sobre a caracterização deste novo campo. Existe uma preocupação epistemológica, um caminho aberto para a discussão. Porém, ainda nesta temática, o que me preocupa é a presença do conceito de emissão-mensagem-receptor. Prefiro trabalhar com conceitos como “universo discursivo”, “situação de comunicação”, “emissão e percepção permanentes”. Nesse sentido, acho difícil trabalhar a terminologia “Educomunicação” e creio que isto também faça parte da discussão. Ou seja, numa sala de aula, numa universidade, numa instituição, me pergunto: Como representar este termo? Creio que na instituição universitária onde trabalho já exista uma totalidade comunicacional criada há anos – e temos que nos perguntar: o que caracteriza um discurso comunicativo? O que caracteriza um discurso educacional? Com todos esses elementos que se cruzam nas aulas, temos de manter certas distinções?

C&E: Talvez ainda tenhamos uma visão muito cartesiana, compartimentada, enquanto existe um mundo muito mais complexo, interconectado.

D.P.: Creio que sim.

C&E: Sabemos que existe um discurso muito complicado vindo das chamadas novas tecnologias, com as quais você pode aprender sozinho e onde a presença do professor não é necessária, já que é sempre identificado com autoridade, com um emissor prepotente. O que você pensa sobre isso?

D.P.: A autoridade, vista desta maneira, é sem dúvida muito perigosa. Não se pode, porém, rechaçá-la em bloco. Nunca houve, como hoje, tantas formas de aprender. Aprende-se de tudo. Creio que houve uma explosão de oportunidades de aprendizagem. Por exemplo, numa busca pela internet, em quatro ou cinco segundos aparecem quinhentos milhões de sites e, nestes sites, existem cem milhões de cursos que antes não existiam e que são oportunidades de aprendizagem. Temos que celebrar isso, pois aponta muitas novas

1. Prof. Ismar de Oliveira Soares, Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. (N.E.)

possibilidades! Primeiro: os educadores estão por trás do desenvolvimento de todos esses cursos. Segundo: existe uma mudança geracional. Como vamos trabalhar com isso? Temos que buscar outras formas para lidar com esse fenômeno. Terceiro: sim, tenho autoridade. Tenho setenta anos, um longo percurso baseado numa experiência de vida, mas, se isso gerar uma postura autoritária, precisamos debater. Contudo, as pessoas ainda buscam autoridades para apontar caminhos, para compartilhar. Buscam pessoas mais experientes. A geração dos meus colegas ainda tem um discurso muito linear, que é o da cátedra. Temos que buscar novas experiências pedagógicas e formas de resolver esta demanda institucional. As pessoas que vêm ao nosso curso estão buscando referências na área. Por exemplo, outras pessoas não trabalham com o conceito de “textos paralelos”, que pode ser um elemento fundamental para as práticas pedagógicas. Há ainda outra questão: nossa cultura não sabe valorizar os educadores. Isso é terrível. Uma das profissões mais reconhecidas e valorizadas na Finlândia é a do educador.

C&E: Imaginamos que, na Argentina, existam revistas que trabalhem o campo da inter-relação entre comunicação e educação. Não conhecemos nenhuma especificamente. Existem artigos recentes sobre esta reflexão entre comunicação e educação?

D.P.: Não há muitas publicações, mas existe uma revista da Universidade de La Plata chamada *Territórios*, que trata da confluência de temas relacionados à comunicação e educação, como planejamento e desenvolvimento educacionais. Há também uma editora chamada La Crujía, que possui uma grande livraria em Buenos Aires. Foi através dela que publiquei alguns livros da área. Uma ínfima minoria trata deste tema.

C&E: Quais os desafios de se trabalhar com as relações entre comunicação e educação na Argentina e quais os projetos futuros no país?

D.P.: Creio que o primeiro desafio parte de uma opção individual. Quando me perguntam o que faço, digo que sou educador. Como educador? O que é isso? Então, me perguntam: “E o que você ensina?”. E respondo: “Sou educador, professor de filosofia, estética etc.” Na verdade, acredito que, como professor, estou no mundo para que os demais aprendam. Essa é a minha opção profissional. No momento em que assumo meu papel como educador, uma quantidade de questões derivam desta opção pessoal. Parte dessa tarefa, a meu ver, se traduz em ser um bom comunicador. O que você quer dizer para que os demais aprendam? Na perspectiva construtivista a aprendizagem é uma construção e, neste processo, construir é construir-se. Isso supõe muita responsabilidade. Parece-me, dessa forma, que o primeiro ponto é a opção individual – insisto muito nisso quando trabalho com os estudantes. Depois vem a opção institucional. Nas escolas públicas da Argentina, há pelo menos cento e trinta mil docentes. Desses docentes, metade não está capacitada para ensinar porque não está preocupada com o âmbito comunicacional. Então, as

instituições universitárias são espaços de grande contradição. É uma enorme complexidade. Neste contexto, lembrei-me de Juergo Huergo, da Universidade de La Plata, e de outros docentes que, como eu, estão preocupados com essa questão. Contudo, ainda é um grupo muito enxuto. Existe essa preocupação também fora das universidades. Trabalhamos com institutos de formação de docentes com três, quatro anos de estudos, criando equipes para aplicar questões pedagógicas no uso das tecnologias de comunicação dentro das organizações universitárias. Participo também de um projeto nacional pedagógico de formação de docentes para os meios no âmbito universitário. Estamos vivendo, sem dúvida, um momento muito complexo. Também existe o uso tendencioso do poder através dos meios, com forte apelo de partidos políticos. Mas estamos avançando, com todas as contradições existentes. Este é um momento muito rico.